

**A EDUCAÇÃO NA MODERNIDADE LIQUIDA E O ENSINO DE CHINA ANTIGA
NO BRASIL**Rodrigo Galo Quintino¹¹Graduando em Licenciatura em História pela Universidade do Sagrado Coração. E-mail:
rodrigogquintino@outlook.com**RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo analisar a relação entre o ensino de História Antiga, com ênfase na temática de China Antiga, e a sociedade brasileira, a partir do conceito de modernidade líquida. Busca-se, por meio de revisão bibliográfica, apresentar algumas dificuldades recorrentes no ensino de História Antiga no Brasil, e evidenciar a importância de tal tema para o desenvolvimento de um ideal de identidade, bem como para um melhor entendimento da contemporaneidade por parte do aluno. Também é buscado apresentar brevemente algumas definições do período compreendido como China Antiga, sua influência para a compreensão da China atual, e a importância desta dentro do contexto brasileiro contemporâneo.

Palavras-chave: China Antiga. Modernidade Líquida. Ensino de História.

INTRODUÇÃO

Estudar História da China no Brasil é um constante desafio. Muito embora, como afirma Neto (2014), os campos de pesquisa dentro da sinologia tenham crescido nas últimas décadas em nosso país, os estudiosos desta civilização ainda esbarram em diversas dificuldades, principalmente quando o assunto tratado é antiguidade chinesa. Parece estranho assumir que uma sociedade e cultura tão distantes geograficamente e no tempo possam exercer alguma influência em uma sociedade com transformações cada vez mais rápidas.

O presente artigo busca, portanto, analisar possíveis problemáticas e relações entre o ensino de China Antiga e o contexto da sociedade líquida brasileira.

Por meio de revisão bibliográfica, o artigo se divide em três partes: A primeira apresenta ao leitor uma breve contextualização a respeito dos termos Pós-Modernidade e modernidade líquida; a segunda coloca em pauta algumas problemáticas a respeito do ensino de História Antiga no Brasil, e apresenta a argumentação de alguns autores sobre a importância do ensino e análise das civilizações e fontes da antiguidade para a sociedade contemporânea; e a terceira apresenta uma breve definição do conceito de China Antiga e como a compreensão desta é essencial para o entendimento da sociedade Chinesa contemporânea, e sua importância dentro do contexto brasileiro.

SOBRE PÓS-MODERNIDADE E MODERNIDADE LIQUIDA

O conceito de Pós-Modernidade surge como uma forma de explicar as sociedades contemporâneas, em seus mais variados aspectos. Um dos primeiros teóricos a utilizar e apresentar reflexões sobre o termo é Jean-François Lyotard, que o define da seguinte forma:

[...] considera-se ‘pós-moderna’ a incredulidade em relação aos ‘metarrelatos’. É, sem dúvida, um efeito do progresso das ciências, mas este progresso, por sua vez, a supõe. Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação corresponde sobretudo a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia. (LYOTARD, 1993, p. 3).

Para Lyotard (1993), visto que mesmo os conceitos de paradigmas vigentes já não podem ser aceitos como verdade absoluta, os grandes esquemas e discursos explicativos já não teriam mais nenhuma garantia de veracidade. A pós-modernidade se dá então, com a recusa da crença de grandes narrativas.

A respeito do conceito de pós-modernidade para Lyotard e Karasek (2010, p. 79) argumenta que:

O autor procura demonstrar que o entendimento desse conceito está relacionado à abolição da ideia de verdade, que durante muitos anos foi uma das principais armas do poder. Nesse sentido, defende a ideia de um niilismo novo, possivelmente influenciado pelo conceito nietzschiano, em relação à inexistência de tais verdades.

Evidenciando sua perspectiva a respeito da pós-modernidade, Lyotard (1993, p. 69) ainda afirma que:

Na sociedade e na cultura contemporânea, sociedade pós-industrial, cultura pós-moderna, a questão da legitimação do saber coloca-se em outros termos. O grande relato perdeu sua credibilidade, seja qual for o modo de unificação que lhe é conferido: relato especulativo, relato da emancipação, pois eles sofrem um processo de deslegitimação.

O sociólogo Polonês Zygmunt Bauman traz uma abordagem a respeito da pós-modernidade voltada para sociologia, deixando os debates sobre narrativas para um segundo plano. Para ele, a pós-modernidade é na verdade a consciência do fracasso da modernidade.¹ A crença na razão, na ciência e nos avanços tecnológicos como respostas para as variadas questões humanas, e o ideal de progresso que caracterizavam e solidificavam o pensamento moderno se desfazem. Se apropriando da famosa frase de Marx e Engels “Tudo o que era estável e sólido, se desmancha no ar”² ele argumenta que a solidez dos paradigmas anteriormente vigentes se dilui, tornando as relações sociais cada vez mais voláteis.

Bauman (2001) afirma que os códigos e regras que poderiam nos conformar e servir de pontos estáveis para nos orientar estão a cada dia mais em falta na atualidade, o que não significa que o ser humano atual constrói seu modo de vida sem influência da sociedade, mas que os trabalhos de autoconstrução não são dados de antemão, tendendo a sofrer inúmeras mudanças.

A perda dos códigos e regras acima demonstrada e as transformações cada vez mais rápidas da contemporaneidade são características do que Bauman chama de mundo líquido. Sobre a nomenclatura, ele argumenta:

1. Para o filósofo Luiz Felipe Pondé (2011), analisando a obra de Bauman na palestra “A invenção do contemporâneo: o diagnóstico de Zygmunt Bauman para a Pós-Modernidade”, a pós-modernidade “O despertar maldito de um sonho colorido”. As fórmulas propostas pela modernidade para a explicação da sociedade já não dão conta de resolver seus diversos problemas e necessidades. A consciência pós-moderna é a consciência de que a modernidade fracassou nas utopias que ela prometeu.

2. MARX, Karl; ENGELS, Frederich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução: Sueli Tomazzini Barros Cassal. Porto Alegre: L&MP, 2001. p. 29

O mundo que chamo de “líquido” porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança: as modas que seguimos e os objetos que despertam nossa atenção (uma atenção, aliás, em constante mudança de foco, que hoje se afasta das coisas e dos acontecimentos que nos atraíam ontem, que amanhã se distanciará das coisas e acontecimentos que nos instigam hoje); as coisas que sonhamos e que tememos, aquelas que desejamos e odiamos, as que nos enchem de esperanças e as que nos enchem de aflição. (BAUMAN, 2011, p. 7)

Os termos mundo líquido e modernidade líquida podem ser definidos, portanto, como metáforas para demonstrar a falta de solidez da sociedade contemporânea, a fluidez e a fragilidade das relações humanas na atualidade.

Tal fragilidade e falta de solidez podem se tornar uma problemática para as sociedades contemporâneas, tendo em vista que:

No mundo líquido moderno, a solidez das coisas, assim como a solidez das relações humanas, vem sendo interpretada como ameaça: qualquer juramento de fidelidade, qualquer compromisso de longo prazo (para não falar nos compromissos intemporais), denuncia um futuro sobrecarregado de obrigações que limitam a liberdade de movimento e a capacidade de agarrar no voo as novas e ainda desconhecidas oportunidades que venham a surgir. A perspectiva de assumir pelo resto da vida algo ou uma relação difícil de controlar é pura e simplesmente repugnante e assustadora. Não admira que mesmo as coisas mais desejadas envelheçam depressa, percam seu brilho num piscar de olhos e se transformem, de distintos de honra, em estigmas de vergonha (Ibid., 2011, p. 112-113).

Diversos setores da sociedade contemporânea são influenciados pela conjuntura da modernidade líquida acima apresentada, entre eles, a educação se encontra em uma situação complicada.

O ENSINO DE HISTORIA ANTIGA NO BRASIL NO CONTEXTO PÓS-MODERNO

Bauman (2011) evidencia as tensões e complicações que sofrem a educação na sociedade líquida. Para ele o grande problema que assola a educação reside justamente no fato da sociedade não estar aberta a assumir obrigações em longo prazo, o que torna conhecimentos para uso instantâneo e único, como os de variados softwares muito mais atraentes que o “pacote de conhecimentos” adquiridos na escola. Como afirmam Furlan e Maio (2016, p.187):

A educação, inserida no contexto da Modernidade Líquida, segue o modelo do mercado, ou seja, a antiga sabedoria perdeu seu valor pragmático e as pessoas preocupadas com a aprendizagem e sua promoção tiveram que mudar seu foco de atenção. É preciso desenvolver o talento de aprender depressa e a capacidade de esquecer instantaneamente o que foi aprendido. As informações envelhecem rapidamente, o conhecimento torna-se eminentemente descartável.

Para exemplificar sua ideia, Bauman (2011) apresenta o exemplo da que argumentação utilizada por muitos pais e mães para incentivar seus filhos a se aplicarem nos estudos, dizendo que o que eles aprendem nunca lhe são tirados, não pode mais ser aplicada, pois é evitável no mundo contemporâneo assumir qualquer compromisso sem uma cláusula evidenciando que ele vai até segunda ordem.

Theodoro (2016, p. 52) apresenta outra exemplificação interessante para o conceito proposto:

Como as mudanças eram lentas, o homem podia perpetuar formas de comportamento, podia ensinar formulas, sugerir procedimentos ou ainda contar fábulas exemplares. Casamento era para a vida toda, emprego publico significava segurança na velhice, diploma, um eterno seguro-desemprego. Como cada coisa ocupava, por muito tempo, o mesmo lugar nós podíamos ensinar uma receita adequada para o sucesso: estude! Tenha um diploma! Va para a cidade! Tome Biotonico Fontoura! A relação entre expectativa e resultado era, quase, linear.

A mesma autora também traz a tona as diferenças entre a solidez das gerações passadas e a conjuntura de um mundo com transformações cada vez mais rápidas:

Os ancestrais deixavam como herança modelos que serviam de modelo para uma vida. Não era dinheiro mas gerava tranquilidade. Existia nesse velho mundo um horizonte seguro para onde devíamos caminhar.
Hoje e assim?
Não (Ibid, 2016, p. 52)

Sobre isso, Bittencourt (2002, p.13) argumenta que:

Trata-se de gerações que vivem do presenteísmo de forma intensa, sem perceber liames com o passado e que possuem vagas perspectivas em relação ao futuro pelas necessidades impostas pela sociedade de consumo que transforma tudo, incluindo o saber escolar, em mercadoria.

O ensino de História, tendo em vista a conjuntura apresentada, tende a se tornar banalizado levando em conta que a disciplina é vista, em grande parte dos casos, apenas como um estudo do passado, não oferecendo uma aplicação prática imediata aparente ou uma relação palpável com a sociedade em que o aluno está inserido. Como afirma Teixeira (2015, p. 384):

Trabalhar com a educação escolar já se constitui por si algo desafiador. Lecionar história na era pós-moderna abrange questões que dizem respeito não apenas a sala de aula, mas também ao mundo exterior. Tendo suas bases voltadas para valores que se chocam com os comportamentos pós-modernos, esta disciplina carece de reflexões sobre a sociedade contemporânea.

Observa-se então uma clara dificuldade ao se trabalhar História, principalmente no que diz respeito aos períodos mais distantes do contexto em que está inserido o aluno, o que explica a aparente negligencia dos assuntos a respeito da História Antiga por parte de muitos estudiosos e professores. Pinsky e Pinsky (2016) argumentam que em grande parte, professores tendem a substituir o ensino de História, sobretudo no ensino médio, por outras disciplinas e temas mais próximos a *realidade mundial*. Os autores afirmam ainda que sob a justificativa de falta de tempo para ministrar todos os conteúdos, muitos professores optam por focar em acontecimentos após os séculos XIX.

Trazendo outra perspectiva às reflexões apresentadas, Guarinello (2015, p. 8) afirma que “Pensar sobre História Antiga é uma maneira de pensarmos e repensarmos nosso lugar em um mundo em rápida transformação. Não se trata de uma questão ociosa.”. É apresentada por ele a ideia de que a negligencia evidenciada acima não deveria ocorrer, pois o ensino de História Antiga se mostra de suma importância para as sociedades líquidas, contribuindo para a construção identitária individual e das variadas sociedades. Como evidenciado no trecho:

A identidade de uma pessoa, um grupo ou uma coletividade inteira é o que lhe permite pensar sobre si mesmo, repensar seu passado e reconhecer seus limites e suas potencialidades para construir seu próprio futuro (Ibid, 2015, p. 8).

O movimento e reflexões propostos por Guarinello contribuem para uma melhor compreensão das sociedades atuais.

Neto (2014, p. 11) também discorre sobre a importância de um estudo e análise mais aprofundado a respeito das fontes da antiguidade para as sociedades contemporâneas, segundo ele:

As questões prementes à nossa realidade – o gênero, a sexualidade, a economia, as relações internacionais, os direitos humanos, só para citar alguns – encontram fértil campo analítico nas fontes antigas, receptivas, que são, aos questionamentos e as inquietações hodiernos.

As fontes e estudos da antiguidade trazem reflexões e diferentes pontos de vista acerca de inúmeros assuntos e questionamentos, latentes nas sociedades pós-modernas, e inseridos no cotidiano das pessoas, contribuindo para o enriquecimento de tais debates.

Pensar sobre História Antiga, portanto, ajuda a compreender as diversas relações de poder que se dão nos mais variados aspectos podendo ser tanto políticos como sociais ou culturais. Também contribui para clarear ao menos um pouco o contexto das transformações cada vez mais rápidas da contemporaneidade, bem como a compreender o papel e lugar do indivíduo em tais transformações, e, como evidencia Funari (2001), é essencial para a formação de uma cidadania crítica.

A CHINA ANTIGA E SUA IMPORTANCIA PARA A SOCIEDADE LIQUIDA BRASILEIRA

Se estudar História Antiga se mostra, embora ainda muito negligenciada, essencial para uma melhor compreensão das transformações socioculturais das sociedades contemporâneas, tal argumento se evidencia ainda mais levando em consideração o contexto da construção histórica da China, e de como os chineses encaram sua própria História. Bueno (2007, p. 2) afirma que:

Esta é uma marca fundamental do Oriente: a antiguidade continua viva, e temos a oportunidade de vislumbrar as permanências dos tempos clássicos no pensamento, na cultura e nos hábitos.

Existe, portanto, uma ideia de continuidade muito forte dentro da maneira de encarar a história por parte dos chineses, tornando-a uma civilização contínua, que diverge da divisão ocidental tradicional. A respeito disso, Neto (2014, p. 14) traz a perspectiva de:

Como os sinólogos salientam com frequência, a China é a civilização contínua mais antiga existente; e mais do que isso, os chineses possuem um notável senso de continuidade, representado pela sua escrita, legível para um cidadão moderno como o fora para um intelectual milhares de anos atrás. Logo, uma das chaves de compreensão mais importantes para a China Atual é a China Antiga, e os vestígios que ela legou.

Como argumentado, se faz essencial para compreensão da China Atual o entendimento de sua história desde a antiguidade.

A delimitação do período compreendido por China Antiga, por outro lado, pode se tornar uma problemática visto que é inexistente dentro da historiografia oriental, uma forma encontrada que se faz comum aos sinólogos ocidentais é associa-lo ao período normalmente aceito como História Antiga no ocidente.

Fairbank e Goldman (2007) optam por trabalhar a História chinesa a dividindo em quatro partes, sem uma delimitação específica da China Antiga, sendo a primeira desde o período paleolítico até o final da dinastia Qing, datada de aproximadamente 1600 d.C.; a segunda tratando do declínio da China imperial, de 1600 a 1911 d.C.; a terceira de 1912 a 1949 dedicada a república da China, e por fim a última propondo reflexões acerca da república popular da China³. Já Bueno (2007) define a China Antiga como sendo o período de desenvolvimento desta civilização, compreendendo, segundo ele, desde a Proto-História até a consolidação do primeiro grande Império Chinês, que se deu na dinastia Han, datada aproximadamente em 3 a.C. - 3 d.C, o mesmo período é adotado e apresentado por Watson (1969).

Diante do exposto, fica evidente a importância do estudo da antiguidade chinesa para compreensão do contexto atual da China, mas o que isso interfere no contexto do Brasil contemporâneo?

Tendo em vista que uma das características da modernidade líquida apresentada por Bauman é a do consumo e consumismo em alta escala, que causam a sensação de liberdade e prazer imediato⁴, a China exerce hoje uma influência gigantesca dentro do ocidente, sendo uma das maiores potências econômicas do mundo, e possuindo uma presença ativa dentro do contexto comercial global, e consequentemente Brasileiro. Como nos diz Bueno (2007, p. 2), a China:

É o país que mais cresce economicamente, que tem a maior população, a língua mais falada no planeta, e um sistema de escrita que serve de base (e pode ser compreendido) por diversas outras nações que não falam chinês.

O mesmo autor (2015) evidencia que desde a antiguidade a cultura chinesa já demonstrava, em sua tradição, características da produção em massa, hoje preponderantes para sua crescente economia e a fácil comercialização de seus produtos no Brasil.

A presença da população chinesa no Brasil é também evidente. Os grandes centros e capitais apresentam um número cada vez maior de imigrantes chineses. Sobre isso, Neto (2014, p. 12) afirma que:

[...] ainda que a China esteja fisicamente distante dos brasileiros, o mesmo não ocorre com os chineses: que grande cidade não conta, hoje, com ruas repletas de cidadãos de olhos puxados e língua incompreensível, vendendo produtos genérica e pejorativamente alcunhados de *xing ling*?

O autor evidencia ainda mais a presença chinesa no contexto ocidental, apresentando a ideia de que:

Em Atenas, nomes tipicamente chineses são grafados em alfabeto helênico nas marquises das lojas; em Lisboa, os produtos do dia a dia mais em conta são vendidos pelos “chinas”, e o mesmo ocorre no Rio de Janeiro, em Curitiba, no Recife... para onde se olha, encontra-se a China (Ibid, 2014, p. 12).

³ FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. **China**: Uma nova História. Tradução: Marisa Motta. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

A definição apresentada anteriormente de modernidade líquida pressupõe um mundo com rápidas transformações, e a China se destaca como um fator diretamente inserido nesse contexto.

Bauman discorre que “Num planeta negativamente globalizado, todos os principais problemas - os meta problemas que condicionam o enfrentamento de todos os outros - são *globais* e, sendo assim, não admitem soluções locais” (2007, p. 31). Sob esse prisma fica clara a importância de se entender quais as relações de poder, sociais e culturais, que ocorrem e moldam o pensamento e estilo de vida da China e dos chineses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Bueno (2015, p. 177):

[...] se perguntados sobre a presença do passado em sua vida cotidiana, provavelmente os chineses são levados a responder que estão absolutamente imersos nele – e que seu passado, justamente, é o que lhes construiu uma identidade cultural.

A compreensão da China contemporânea está, portanto, diretamente ligada com o entendimento de sua antiguidade, visto que atrelado ao fato do estudo de História Antiga contribuir para o entendimento de variadas transformações, permanências, e relações de poder da contemporaneidade, a tradição se faz presente no cotidiano dos chineses nos dias atuais, exercendo grande influência em diversos aspectos culturais e sociais.

É essencial para o ensino de História no Brasil apresentar o ensino de História Antiga com a devida importância, incluindo os tópicos a respeito da China de forma clara e concisa, apresentando as informações necessárias para que o aluno possa perceber a relevância dessa civilização dentro do contexto brasileiro na atualidade.

THE EDUCATION IN LIQUID MODERNITY AND THE TEACHING OF ANCIENT CHINA IN BRAZIL

ABSTRACT

This study aims to assess the relationship between the teaching of Ancient History, with an emphasis on Ancient China, and the Brazilian society, from the concept of Liquid Modernity. Through a bibliographic review, we present some recurring difficulties in the teaching of Ancient History in Brazil and highlight the importance of such a theme for the development of an identity ideal, as well as the student's understanding of the contemporaneity. We also seek to briefly present some definitions of the period referred to as Ancient China, its influence on the understanding of current China, and its importance in the contemporary Brazilian context.

Keywords: Ancient China. Liquid Modernity. Teaching of History.

REFERENCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução: Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. A vida líquido-moderna e seus medos. In: BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 11-33.

_____. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Augusto de Souza Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Vida para consumo**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 11-28.

BUENO, André. Cultura da cópia e a concepção tradicional para preservação do patrimônio cultural material na China: problemas e desafios. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 3, Dez 2015. p. 176-187. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.12957/revmar.2015.20131>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

_____. **História da China Antiga**. Versão de 2007. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0ByKChEwj87BgSjQ2Q2FjZzlEUmc/view>> Acesso em: 27 abr 2017.

FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. **China: Uma nova História**. Tradução: Marisa Motta. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. A Importância de uma abordagem crítica da História Antiga nos livros escolares. Hélide. **Revista Eletrônica de História Antiga**, v.2, n.2, 2001. p. 23-26. Disponível em: <http://www.helade.uff.br/Helade_2001_volume2_numero2_NE.pdf>. Acesso em 13 mai. 2017.

FURLAN, Cássia Cristina; MAIO, Eliane Rosa. Educação na modernidade líquida: Entre tensões e desafios. **Mediações**, Londrina, v. 21 n. 2, Jul/Dez 2016. p. 278-302. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/27999/pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2017.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Introdução: História Antiga e a memória social. In: GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. São Paulo: Contexto. 2013, p. 7-16.

KARASEK, Felipe Szyszka. O conceito de Pós-Modernidade em Lyotard e a possibilidade da influência Nietzscheana. **Famecos/PUCRS**, Porto Alegre, Ano 15, n. 23, ago 2010. p. 79-86. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/7791>> Acesso em: 27 abr. 2017.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MARX, Karl; ENGELS, Frederich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução: Sueli Tomazzini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 29

NETO, José Maria. Introdução. In: BUENO, André; NETO, José Maria (Org). **Antigas Leituras: Visões da China Antiga**. União da Vitória: UNESPAR, 2014. Disponível em: <<http://orientalismo.blogspot.com.br/p/visoes-da-china-antiga.html>> Acesso em: 27 abr. 2017.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (Org). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6º ed., 5º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016. p. 17-37.

PONDÉ, Luiz Felipe. **A invenção do contemporâneo: o diagnóstico de Zygmunt Bauman para a pós-modernidade**. Campinas: CPLF Cultura, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=58MMs5j3TjA>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

TEIXEIRA, Benvinda Mary. O ensino de História e a cultura pós-moderna: A mídia e os meios de comunicação de massa. **História Unicap**, Recife, v.2, n.4, 2006. Disponível em <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/545>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

THEODORO, Janice. Educação para um mundo em transformação. In: KARNAL, Leandro (Org). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6º ed., 5º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016. p. 49-56.

WATSON, William. **A China Antiga: Do período dos três soberanos à dinastia Han (séc. XXIX a.C a III d.C)**. Tradução: Tomé Santos Júnior. Lisboa: Editorial Verbo, 1969.